

OPINIÃO SOCIALISTA



Nº598

De 17 de setembro
a 1º de outubro

Ano 23

R\$2



(11) 9.4101-1917



PSTU Nacional



www.pstu.org.br



@pstu



Portal do PSTU



@pstu_oficial



BOLSONARO CORTA AUXÍLIO PRA R\$ 300

E PREÇO DA COMIDA DISPARA

Enquanto isso valor da cesta
básica vai pra R\$ 540. Veja as
medidas pra combater alta
dos alimentos e a crise.

Páginas 8 e 9

**Greve dos trabalhadores
dos Correios se fortalece
em todo país**

Páginas 12 e 13

**Incêndios devastam Pantanal e
Amazônia, enquanto Bolsonaro
desmonta fiscalização ambiental**

Página 7

**PSTU apresenta candidaturas
socialistas e revolucionárias
para vereador**

Páginas 4 e 5



PDF INTERATIVO

CLIQUE NO QR CODE >



DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

páginadois

CHARGE



Falou Besteira

“Estamos praticamente vencendo a pandemia”



Bolsonaro, em pronunciamento do dia 9/9/2020. Na data, o país registrava quase 130 mil mortes por COVID-19.



RETORNO ÀS AULAS

Protocolo do abate

Enquanto governadores e prefeitos reabrem as escolas, apoiados na maioria das vezes pela grande mídia, o governo do Espírito Santo divulgou o Plano de Retomada das Aulas Presenciais para a Educação Básica. Na página 65, para ser preciso, o governo reconhece o risco de óbitos de alunos, professores e demais funcionários da escola. Mas calma! Não há motivo para pânico. O plano estabelece um protocolo de atuação diante de casos de morte: “Havendo óbitos de alunos ou de profissionais da escola, e se for algo desejado pela comunidade escolar, o grupo pode organizar ritos de despedida, homenagens, memoriais, formas de expressão dos sentimentos acerca da situação e em relação à pessoa que faleceu, e ainda atentar para a construção de uma rede socioafetiva para os enlutados. Simbolizar a dor de alguma forma contribui para o processo de luto, lembrando sempre que cada um vive esse momento de uma maneira, como uma experiência pessoal e única e que, por isso, precisa ser respeitado”, diz



ação e em relação à pessoa que faleceu, e ainda atentar para a construção de uma rede socioafetiva para os enlutados. Simbolizar a dor de alguma forma contribui para o processo de luto, lembrando sempre que cada um vive esse momento de uma maneira, como uma experiência pessoal e única e que, por isso, precisa ser respeitado”, diz

o texto. Ou seja, o governador Renato Casagrande (PSB) sabe que o retorno às aulas vai provocar mortes, mas, para ele, é só homenagear a vítima e tocar a vida em frente. Segundo a Secretaria de Educação do estado, as escolas estaduais voltarão a ter aulas presenciais a partir de outubro, começando pelas de ensino médio.

SÃO PAULO

Serviços de remoção de moradores de rua

A enorme quantidade de moradores de rua de São Paulo é percebida imediatamente por qualquer um que caminhe pela região central da cidade mais rica do país. Com a pandemia e a crise econômica, o número de moradores de rua aumentou de forma vertiginosa. São seres humanos que perderam seus empregos e não puderam mais pagar aluguel. Diante disso, alguns setores da classe média alta estão contratando um serviço voltado para a remoção de pessoas em situação de rua que ficam perto das entradas dos seus edifícios. Foi o que fez uma síndica de um condomínio na rua Amaral Gurgel, no centro.

Segundo uma reportagem do Universo, a síndica tomou a iniciativa após moradores solicitarem uma providência contra a população de rua no entorno do prédio e entregarem um abaixo-assinado concordando com a contratação. Foram apenas 33 assinaturas de um total de 90 apartamentos. No balanço do condomínio, consta o nome de uma pessoa identificada como Alexandre Silva e, ao lado, “Serv retirada moradores rua – 400,00”. De acordo com uma moradora, em entrevista ao Universo, a síndica do prédio disse que não seria contratada uma empresa de segurança particular, mas que uma única pessoa



seria responsável por tirar os moradores de rua “do jeito dela”. Só faltou dizer que a população de rua é lixo e entulho.

Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO


FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

 **opinio@pstu.org.br**

 Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Uma alternativa revolucionária e socialista diante da barbárie do capitalismo

O corte do auxílio emergencial anunciado pelo governo Bolsonaro, de R\$ 600 para R\$ 300, acontece justamente no momento em que vivemos o aumento absurdo do preço dos alimentos mais básicos, como o arroz e a carne. Com R\$ 300 não se consegue comprar sequer uma cesta básica, que em São Paulo chegou a R\$ 540.

Ao mesmo tempo, o governo se une a banqueiros e grandes empresários para reabrir a economia, mandando milhões ao abatedouro; aproveitam-se da crise para demitir, rebaixar salários e “passar a boia-da nos direitos”. É o que acontece na Embraer, que mandou para a rua 2.500 trabalhadores. A Volkswagen, por sua vez, anunciou que demitirá 5 mil. Os funcionários dos Correios, que já têm um dos menores salários entre as estatais, sofrem uma ofensiva contra seus direitos numa preparação para a entrega da empresa.

Enquanto isso, o governo faz avançar a devastação do meio ambiente. O Pantanal é ameaçado pelas queimadas enquanto a Amazônia tem aumento de 68% no desmatamento. A resposta do governo é a mesma: perseguição aos servidores do Ibama, do Inpe e de demais órgãos que possam ir contra os interesses dos madeireiros, pecuaristas e latifundiários.

MÁSCARA DE BOLSONARO PODE CAIR

Bolsonaro está diante de um impasse: o auxílio emergencial o blindou das barbáries praticadas durante a pandemia e até garantiu aumento da sua popularidade, reflexo da brutal desigualdade e da miséria estrutural do país. Mas para garantir algum tipo de renda mínima e não tocar nos privilégios do andar de cima, quer atacar os assalariados e os remediados. Foi por isso que aventou o fim do abono do PIS ou, mais recentemente, o congelamento



da aposentadoria e do salário mínimo.

Os tais vazamentos da equipe econômica à imprensa sobre essas medidas impopulares são, na verdade, balões de ensaio de Bolsonaro, que testa como vão pegar esses ataques. Daí, diante da má repercussão, é só jogar a culpa em Paulo Guedes. É como o papel do policial ruim e do policial bom nos filmes. Mas por trás desse jogo de cena, há um plano para atacar ainda mais os trabalhadores, evitar desgastes e garantir a reeleição e seu projeto de poder.

Mas veremos até onde vai essa enganação. Até porque o governo continua sua marcha contra os direitos dos trabalhadores, como a reforma administrativa, que ataca de forma dura os servidores, e o brutal ajuste fiscal que vai tirar R\$ 1 bilhão das universidades federais em 2021. Uma pesquisa recente, divulgada pela revista Exame, mostra que por trás do crescimen-

to das pessoas que avaliam o presidente com “bom” ou “ótimo” está o aumento dos que o consideram “regular”, o que pode indicar o teto e a inconsistência da popularidade desse governo, que se defrontará com um futuro difícil pela frente.

UNIFICAR AS LUTAS

Enquanto fechamos esta edição, os trabalhadores dos Correios entram na sua quinta semana de greve. É uma luta heroica de uma categoria superexplorada que enfrenta uma campanha de calúnia por parte do governo e do conjunto da imprensa, mas que se mantém firme e coloca em pauta a defesa de uma estatal estratégica para o país. Os trabalhadores da Embraer também estão em greve contra 2.500 demissões.

Já os petroleiros, outro batalhão pesado da classe trabalhadora, estão em campanha salarial e lutam contra as mesmas retiradas de di-

reitos por parte da estatal, seguidista da política privatista de Bolsonaro. É fundamental cercar de solidariedade essas lutas, batalhando pela unificação dessas mobilizações contra a política de entrega, destruição e semiescravidão do governo Bolsonaro.

A oposição parlamentar, como o PT e o PCdoB, não só não se lançam a fundo no apoio a essas lutas nem confrontam diretamente os planos do governo, como reproduzem nos estados que governam a mesma política de Bolsonaro e Paulo Guedes. O PCdoB chegou a votar no Congresso Nacional pela isenção aos pastores milionários.

Já o PSOL defende um programa que não vai para além de governar o capitalismo, reeditando um projeto de conciliação de classes, com uma fraseologia mais à esquerda em alguns lugares, mas que não coloca como objetivo o socialismo.

Por isso a importância de uma alternativa revolucionária

e socialista nestas eleições, que coloque de forma aberta que não há saída para a classe trabalhadora e para o povo pobre dentro deste sistema. O capitalismo só nos reserva desemprego, fome e miséria, como estamos vendo com a pandemia. Para mudar de fato, a classe trabalhadora, os negros, os jovens, as mulheres, as LGBTQs, os indígenas e todos os setores explorados e oprimidos devem organizar-se para derrubar esse sistema e construir um governo seu, que funcione por meio de conselhos populares.

É a esse objetivo que estão voltadas as pré-candidaturas do PSTU. Queremos disputar a consciência da classe em defesa de um projeto socialista, e não deixá-la refém de alternativas da burguesia ou da conciliação de classes, cujos efeitos nefastos estamos sentindo. Para isso, convidamos o conjunto do ativismo.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3KP3WI2](https://bit.ly/3KP3WI2)

ELEIÇÕES

PSTU apresenta candidatos a vereador nas eleições

ROBERTO AGUIAR,
DE SALVADOR (BA)

A Apresentamos alguns pré-candidatos do PSTU ao cargo de vereador. São homens e mulheres da classe trabalhadora que têm o desafio de mostrar uma alternativa socialista e revolucionária nas eleições. Caso eleitos, farão do parlamento um tribuna da luta dos trabalhadores e do povo pobre.

A exemplo do mandato do operário Cleber Rabelo, em Belém, de 2013 a 2016, o gabinete de um parlamentar do PSTU é colocado à disposição dos movimentos sociais para discutir com eles cada projeto, com a realização de plenárias regulares do mandato. Do mesmo modo, utilizamos a tribuna para denunciar o parlamento e seu caráter típico de uma democracia dos ricos. Cleber apresentou um projeto que defendia a redu-

ção dos salários e dos privilégios dos vereadores. O assunto causou um grande debate público e serviu para mostrar que o parlamento é um balcão de negócios dos ricos.

Uma vereadora e um vereador do PSTU não ganham o salário de um parlamentar, mas o salário de um operário qualificado. Todo o restante do salário é remetido para verba de gabinete, que é destinada a apoiar as lutas dos trabalhadores. Isso im-

pede que o militante passe a viver em condições materiais que não condizem com a sua realidade e com a realidade da classe trabalhadora.

Também é uma medida contra a burocratização e a adaptação ao parlamento burguês. Hoje, Cleber não é mais vereador em Belém, mas segue sua vida simples como operário da construção civil, fiel às lutas da nossa classe. É nosso pré-candidato a prefeito de Belém.

Outra importância de um parlamentar para nós e que o torna

diferente dos demais é que o mandato revolucionário está a serviço de uma estratégia maior, a revolução e o socialismo. Ajuda na construção de uma alternativa revolucionária e socialista, a construção do partido revolucionário, o PSTU.

Convidamos você, leitor, a somar-se a nós na luta para eleger vereadoras e vereadores socialistas e revolucionários nas eleições de 2020.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3MN8J8U](https://bit.ly/3MN8J8U)

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)

Num dos principais polos industriais e tecnológicos do país, Toninho Ferreira é um dos pré-candidatos a vereador do PSTU.



TONINHO FERREIRA

Dirigente histórico da esquerda socialista, Toninho tem uma história de luta em defesa da classe trabalhadora. Participou das grandes greves operárias da década de 1980, presidiu o Sindicato dos

Metalúrgicos de São José dos Campos e Região por duas vezes e foi liderança na Ocupação do Pinheirinho, que por oito anos foi um exemplo da capacidade de luta e organização do povo pobre. Em 2012, foi o quinto mais votado para vereador em São José dos Campos e, em 2014, foi eleito suplente de deputado federal.

“São José dos Campos tem sido governada para atender os interesses de poucos, dos ricos e poderosos de sempre. Nossa campanha vai apresentar um projeto alternativo, com propostas para defender a vida, os empregos, os direitos e as reivindicações dos trabalhadores, dos mais pobres e dos setores oprimidos. Em meio à grave pandemia e crise econômica que vivemos, apresentaremos uma saída socialista e a defesa de que os trabalhadores governem”, destaca Toninho.

Ernesto Gradella, Janaina dos Reis, Lari Comodoro, Alessandra Lima, Roberto Selva e Serginho Pires completam a chapa de pré-candidatos a vereador do PSTU na cidade.

SÃO JOÃO DEL-REI (MG)



JORDANO CARVALHO

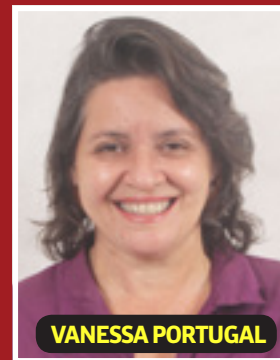
Na cidade mineira de São João del-Rei, o metalúrgico Jordano Carvalho é candidato a vereador pelo PSTU. É operador na empresa Bozel, dirigente do sindicato dos metalúrgicos licenciado e

um lutador em defesa da classe trabalhadora. Tem importante participação na história da Federação Sindical e Democrática dos Metalúrgicos de Minas Gerais e na central sindical e popular CSP-Conlutas.

Jordano se dedica à organização e à mobilização dos trabalhadores por segurança, saúde e condições de trabalho dignas. Já compôs e contribuiu com diversos clubes de futebol da cidade, sendo atualmente presidente desincompatibilizado do Social F.C. Foi candidato a prefeito (2012 e 2016), a deputado federal (2014) e a governador (2018).

“São João del-Rei é uma das cidades brasileiras com grande produção de riquezas, com grande diversidade econômica e industrial consolidada, que atende ao mercado externo. Porém essa riqueza produzida pela classe trabalhadora e a exploração de nossos recursos naturais estão sendo sugadas por empresários dos países mais ricos. É necessário acabar com a lógica da exploração, precisamos de uma São João del-Rei para as trabalhadoras e os trabalhadores”, afirma Jordano.

BELO HORIZONTE (BH)



VANESSA PORTUGAL

A professora da rede municipal Vanessa Portugal é candidata do PSTU a vereadora na capital mineira.

Vanessa participa de forma ativa das mobilizações e reivindicações

por direitos da categoria e das mais diversas lutas do povo de Belo Horizonte.

“Nesses mais de 20 anos de militância, enfrentei a investida de vários governos, estaduais e municipais, contra os direitos da classe trabalhadora, atualmente sendo oposição ao atual prefeito, Alexandre Kalil”, destaca.

Vanessa também é parte da luta por moradia digna aos trabalhadores e trabalhadoras. Como ativista do Movimento Luta Popular, denuncia a especulação imobiliária e a política de moradia que exclui a maioria dos pobres.

“Nessa sociedade capitalista, que mata e agride mulheres, negras e negros e as LGBTQs, a luta contra as mais diversas opressões é parte essencial de nosso enfrentamento diário. Nossa pré-candidatura terá o desafio de apresentar uma alternativa em prol de uma vida digna das pessoas e de ruptura com a barbárie capitalista”, declara Vanessa.

SÃO LUÍS (MA)**SAULO ARCANGELI**

Saulo Arcangeli é um dos candidatos a vereador do PSTU em São Luís. Saulo tem sua história pautada na defesa dos oprimidos e explo-

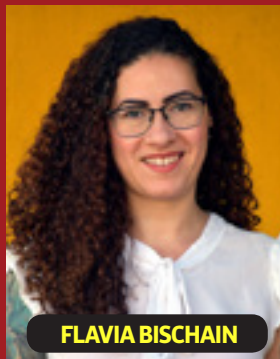
rados pelos governos e patrões. Atuou no movimento estudantil, integrando o Diretório Central dos Estudantes da UFMA. A partir da participação na luta e na organização dos trabalhadores por melhoria das condições de vida e garantia de seus direitos, passou a militar no movimento sindical no final dos anos 1990. Atualmente, é dirigente sindical licenciado do Sindicato dos Trabalhadores do Judiciário Federal e MPU no Maranhão (Sintrajufe/MA) e da central sindical e popular CSP-CONLUTAS.

“São Luís precisa de um vereador que defenda a classe trabalhadora sem acordos e amarras com grandes empresários e partidos políticos, que não querem a melhoria das condições de vida de nossa população. Um vereador que tenha um mandato a serviço da participação e controle, pelos trabalhadores, das zonas urbana e rural, por meio de conselhos populares, que devem definir como serão utilizados os recursos do orçamento municipal e suas prioridades”, defende Saulo.

Preta Lu, Nicinha Durans, Domingos Filho, Márcio Durans e Jean Magno são os demais pré-candidatos do PSTU a vereador em São Luís.

SÃO PAULO (SP)

Na cidade de São Paulo, para vereador, o PSTU apresentará as candidaturas: Flavia Bischain, professora da rede estadual e diretora da Apeoesp; Shirley Silverio, ativista do movimento negro; Julia Eid, advogada dos movimentos sociais; Lauro Fiaes, operário e dirigente licenciado do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Alimentação e Laticínios de São Paulo; Jorge Breogan, poeta e ativista cultural; e Eliana Cezário, ativista pela liberdade das religiões de matriz africana.

**FLAVIA BISCHAIN**

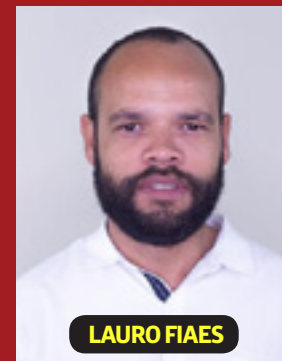
Professora da rede pública na Brasilândia, bairro onde cresceu e vive até hoje, Flavia Bischain afirma que é preciso dar um basta na ex-

ploração e nos crimes que a burguesia comete na periferia.

“Há quatro anos, os governantes prometem entregar o Hospital da Brasilândia e mesmo na pandemia só uma pequena parte foi inaugurada. As obras paralisadas do metrô são outro símbolo do

desprezo por quem mora na região. Sem falar no histórico abandono das nossas escolas e no desemprego crônico por aqui. O Estado está ausente quando se trata de garantir nossos direitos, mas nunca falha quando se trata de tirá-los. A polícia sempre vem, não para garantir segurança e sim mais violência contra a juventude negra. Minha campanha vai dizer que nossa luta pode mudar tudo isso. Votar no PSTU em São Paulo é mais do que digitar um número na urna. É fortalecer uma alternativa socialista sem rabo preso com a elite”, declara Flávia.

Lauro Fiaes é operário, negro e socia-

**LAURO FIAES**

lista, morador de Guianazes, Zona Leste da capital. É dirigente licenciado do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Alimentação e Laticínios de

São Paulo. É também professor licenciado da rede pública estadual.

“Nesta pandemia, restou à classe operária enfrentar a irracionalidade do capitalismo, os ataques patrocinados pelos patrões e governos, que resultaram em redução da renda, perda de direitos, desemprego, contaminação e morte. Sou pré-candidato pelo PSTU para apresentar uma alternativa socialista revolucionária para mudar os rumos de uma sociedade que ao povo negro, pobre e trabalhador reserva apenas a barbárie”, afirma Lauro.

RAIO X**O PSTU NAS ELEIÇÕES 2020**

61%
das pré-candidaturas
às prefeituras
são negras.

43%
das pré-candidaturas
às prefeituras
são de mulheres.

O PSTU
tem pré-candidaturas
LGBTs, indígenas
e nipônicas.

NADA A COMEMORAR

Com quase 140 mil mortes, Bolsonaro e governadores falam de melhora da pandemia



DA REDAÇÃO

Enquanto o país caminha rápido para atingir 140 mil mortes por COVID-19, chama a atenção o tom do governo Bolsonaro, dos governadores e até dos grandes meios de comunicação sobre uma suposta melhora do país frente à pandemia. Bolsonaro chegou a proclamar que “estamos vencendo a pandemia” no momento em o país atingia 130 óbitos provocados pelo Sars-CoV-2. Já os governadores e

a grande mídia sustentam que há uma tendência de queda no número de casos e mortes.

É muita hipocrisia dessa gente que deixou – e ainda deixa – o vírus correr solto país afora, reabrindo comércio e agora pressionando pelo retorno das aulas. Hipocrisia também pela enorme subnotificação que fica escancarada quando vemos as dezenas de milhares de mortes por pneumonia e causas desconhecidas.

As mortes por Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) não diagnosticadas aumentaram

em 30% segundo o Ministério da Saúde (Boletim 28). Isso significa que podemos ter de 30 mil a 40 mil mortes por COVID-19 que não foram diagnosticadas.

Além disso, não houve nenhuma tendência de queda no número de mortes. Houve uma pequena queda, seguida por uma alta. Em média, mais de 800 pessoas estão morrendo diariamente diagnosticadas com COVID-19. Já o número de casos confirmados de infecção pelo novo coronavírus foi para 4.382.263. Desse total, 36.653 casos só de ontem para hoje. O crescimento também foi de 0,8%. A média móvel da última semana é de 31,4 mil novos casos por dia.

O ranking de número de mortes segue liderado pelo estado de São Paulo, que tem 32.963 óbitos. O Rio de Janeiro continua em segundo lugar, com 17.180 mortes, seguido por Ceará (8.739), Pernambuco (7.914) e Pará (6.387).

VOLTAR AS AULAS PRESENCIAIS É O CAMINHO PARA A MORTE

Enquanto não há motivo nenhum para comemorações, a pressão para liberar o

retorno às aulas aumenta. A campanha chegou aos grandes meios de comunicação, que mostram o quanto as escolas estão supostamente preparadas para o retorno das aulas, com o uso de medidores de temperatura, máscaras, álcool em gel etc. Tudo isso é ridículo, uma vez que a maioria dos infectados na faixa etária escolar é de pessoas assintomáticas, ou seja, foram ou estão infectadas sem apresentar sintomas da doença.

Na verdade, não há nenhum estudo científico que garanta a segurança de alunos, trabalhadores da educação e familiares com o retorno das aulas. O que existe são muitos estudos científicos que mostram o quanto isso é perigoso. Um estudo da Fiocruz, por exemplo, indica que a volta às aulas pode representar um perigo a mais para cerca de 9,3 milhões de brasileiros.

Em São Paulo, o governo de João Doria (PSDB) mudou os critérios para colocar todas as cidades do estado na fase amarela, menos restritiva, que permite a retomada das aulas em cidades que estiverem nela

há 28 dias. Por isso, manteve a data para retomada das aulas presenciais no dia 7 de outubro.

Isso sem falar que nem metade das escolas estaduais estão aptas para qualquer tipo de retorno presencial. Falta estrutura, funcionários de limpeza, funcionários da merenda. Além disso, o governo demitiu funcionários durante a pandemia. Voltar às aulas é promover um abate. Tanto é assim que o governo do Espírito Santo, em seu Plano de Retomada das Aulas Presenciais para a Educação Básica, colocou um trecho no qual reconhece o risco de óbitos de alunos, professores e demais funcionários da escola. “Havendo óbitos de alunos ou de profissionais da escola”, explica o documento, a “comunidade escolar (...) pode organizar ritos de despedida, homenagens, memoriais, formas de expressão dos sentimentos acerca da situação e em relação à pessoa que faleceu”. Querem mandar as crianças para a escola com orientação para o funeral de quem vai morrer!



NATURALIZAÇÃO DA PANDEMIA

A culpa é das mentiras de Bolsonaro e da quarentena fajuta dos governadores

As imagens de praias lotadas nos finais de semana têm vários significados. Parte dessas aglomerações é produto da política irresponsável do governo federal, que sempre negou a gravidade da pandemia, que mente ao dizer que existe um remédio que não existe de fato, e agora diz que o Brasil está vencendo o vírus.

Todo esse quadro leva à naturalização da pandemia. O governo Bolsonaro promoveu uma campanha de fake news cotidiana, o que impediu a formação de uma cons-

ciência coletiva de prevenção. Além disso, a quarentena fajuta dos governadores não resultou em queda do número de contaminados e de mortes. Isso fortaleceu a campanha de mentiras de Bolsonaro e, para um setor da população, foi a demonstração de que a quarentena não resolvia.

Se o país tivesse adotado medidas de restrição da circulação, combinadas com garantia de emprego e renda, certamente não teríamos chegado a quase 140 mil mortes. Basta olhar para alguns exemplos,

como Uruguai, Nova Zelândia e Coreia do Sul, para ver que nesses países a pandemia não saiu do controle.

Outra coisa é que os governos estão prometendo vacinas para janeiro. Isso é mais uma mentira, pois a fabricação de vacinas obedece a rígidos protocolos de segurança para garantir sua eficácia e também para não causar danos à saúde da população. Não há nada que garanta que esse protocolo seja garantido até janeiro. Não há nada que garanta sequer que os testes corram bem até lá.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/33NF6A3](https://bit.ly/33NF6A3)

Mas tem outro problema. Produzir, distribuir e garantir uma vacinação em massa vai demorar meses. E uma vacina só é eficaz quando pelo menos 70% da população é vacinada.

Bolsonaro disse que ninguém será obrigado a tomar vacina. Se isso acontecer e muita gente se recusar a se vacinar, a atual corrida pelas vacinas não terá servido para nada.

QUEIMADAS

Onde há fumaça, há os bandidos do latifúndio

JEFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO

As imagens das queimadas no Pantanal e na Amazônia tomam novamente o noticiário e mostram a maior onda de queimadas até hoje registrada por sistemas de monitoramento por satélite. Só no Pantanal, calcula-se que o fogo destruiu 10% do território este ano, uma alta anual acumulada de 223% entre janeiro e o dia 9 de setembro, em comparação com o mesmo período de 2019. Em setembro, o Pantanal já registrou mais focos de queimadas em nove dias do que a média histórica total para o mês.

O ano de 2020 certamente ficará na história e vai superar as queimadas na Amazônia do ano passado. Segundo o Instituto Espacial de Pesquisas Espaciais (Inpe), de julho de 2019 a agosto deste ano, houve uma alta de 34% no desmatamento na comparação com o mesmo período do ano anterior. Só em agosto, a região teve 29.307 focos registrados. Nos primeiros nove dias de setembro, a floresta amazônica já teve 12.412 focos de calor detectados pelo Inpe, um número que passa da metade do que foi registrado no mês inteiro do ano passado: 19.925.

O estado que registra o maior número de incêndios é o Pará, seguido pelo Mato Gros-

so. Nesses estados estão sete municípios com maiores rebanhos de gado do país.

A imagem de um satélite mostrando a fumaça das queimadas na Amazônia e no Pantanal que se estende por mais de 3 mil quilômetros do território do país dá uma noção ampla da tragédia (veja ao lado). Cidades inteiras estão cobertas de fumaça. Há relatos de que a vida dos índios nas aldeias do Parque Indígena do Xingu está irrespirável. As queimadas avançam por todas as fronteiras do parque.

Mesmo com a prova incontestável das imagens de satélite, o vice-presidente da República, Hamilton Mourão, e o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles,

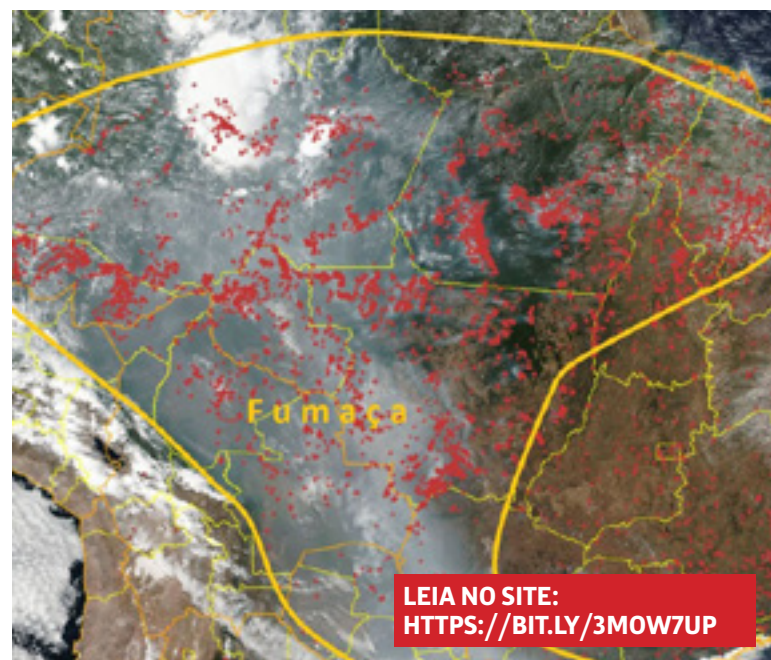


Imagem de satélite divulgada pelo INPE mostra coluna de fumaça sobre o país

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3MOW7UP](https://bit.ly/3MOW7UP)

publicaram em rede social um vídeo produzido por ruralista que nega que a Amazônia esteja queimando. Além disso, as imagens mostram um mico-leão-dourado, animal que só é encon-

trado na Mata Atlântica. O vídeo expôs novamente ao ridículo um governo que mente sobre a Amazônia, incentiva desmatamento, queimadas, grilagem e invasão de terras indígenas.

GOVERNO DA DEVASTAÇÃO

Desmonte da fiscalização ambiental



A maior prova disso é o desmonte da estrutura de fiscalização e combate ao desmatamento. No fim de agosto, o ministro Ricardo Salles

anunciou a suspensão das atividades de fiscalização, após notícia do bloqueio de cerca de R\$ 60 milhões do orçamento da pasta – R\$ 20, 9 milhões

do Ibama e R\$ 39,7 milhões do ICMBio.

Os dois órgãos passam por um profundo desmonte. O Ibama, por exemplo, teve corte de 4% nas verbas, para R\$ 1,65 bilhão. Contudo, 31% da verba do instituto (R\$ 513 milhões) ainda dependem de crédito extra a ser aprovado pelo Congresso. No ICMBio, o corte foi ainda maior, de 12,8%, e pelo menos 43% da verba atual estão sujeitos ao aval do Congresso.

Tem mais. Segundo o levantamento feito pelo Observatório do Clima, Salles gastou R\$ 105.409 nas ações diretas do orçamento entre janeiro e agosto deste ano. O valor corresponde a 0,4% da verba total que deveria ser destinada para fortalecer a política ambiental.

A devastação e as queimadas batem recordes e também comprovam toda a baboseira da chamada operação Verde Brasil 2, chefiada pelo general Mourão. Há várias denúncias de que inte-

grantes das Forças Armadas avisam desmatadores antes de realizarem as operações de fiscalização. Ou ainda simplesmente dispensam a ajuda dos fiscais do Ibama, com mais informações e experiência de combate a esse tipo de crime. No entanto, enquanto os órgãos de fiscalização agonizam sem estrutura, verba e fiscais suficientes para combater o desmatamento, a operação das Forças Armadas na região custa mais de R\$ 60 milhões mensais.

GRILAGEM

Incêndios servem ao roubo de terras

Onde há fumaça e fogo, há também roubo de terras públicas, violência e desmatamento que expõem todo o banditismo do agronegócio e seu caráter destrutivo. Essa é a realidade por trás dos incêndios que tomam o país, em particular na Amazônia, onde grande parte das terras são públicas e, por isso, são alvos da ação de fazendeiros.

O primeiro passo para se roubar terras públicas e convertê-las em propriedade priva-

da é o desmatamento seguido de incêndio. Depois, planta-se capim, coloca-se cercas e algumas cabeças de gado. Finalmente, vem a grilagem, ou seja, o processo fraudulento que cria documentos falsos de posse da terra, no qual o fazendeiro tem ajuda de funcionários do estado e de cartórios.

No Brasil, a terra é usada como reserva de valor. É um equivalente de capital usado de forma ampla na especulação financeira das bolsas de

valores. Depois de grilar a terra, o fazendeiro coloca algumas cabeças de gado, diz de peito estufando que é produtor, e hipoteca a mesma com juros subsidiados.

A atual situação da economia aumentou a corrida por roubo de terras públicas. Com a taxa de juros baixa de 2%, o preço das terras tem um novo boom, o que gerou uma corrida pela grilagem e, por consequência, o aumento de queimadas que assolam o Pantanal e



a Amazônia. As nossas flores-tas estão em chamas para dar

lugar à propriedade privada capitalista.

ALTA DOS ALIMENTOS

Sua barriga vazia enche os bolsos das multinacionais do agronegócio



DA REDAÇÃO

Diante da rápida escalada no preço do arroz nas prateleiras dos supermercados, o presidente da organização que reúne os grandes varejistas, a Associação Brasileira dos Supermercados (Abras), João Sanzovo Neto, deu sua sugestão para o povo: que comam macarrão. A associação prometeu “fazer uma ação para promover o consumo de massa, de macarrão, que é o substituto para o arroz”.

Sabendo ou não, o varejista repete o discurso atribuído à princesa da França, Maria Antonieta, diante da fome que assolava o povo momentos antes da Revolução Francesa: “Se não tem pão, que comam brioches!” Os dias são outros, mas o descaso com as necessidades

mais básicas dos trabalhadores e da população pobre é o mesmo. Bolsonaro e seu vice, general Mourão, culpam o próprio povo pelo aumento dos preços, pois teriam passado a comprar mais alimentos com o auxílio emergencial de R\$ 600.

A realidade, porém, não resiste a esse discurso cínico do governo. Embora o preço do arroz tenha tido um aumento vertiginoso nos últimos meses, ele já sobe há pelo menos um ano, bem antes da pandemia e do insuficiente auxílio emergencial. A alta no preço do produto quase dobrou desde o ano passado, indo de R\$ 15 em média o pacote de cinco quilos para até R\$ 40 em alguns supermercados. Mais que isso, segue uma tendência generalizada dos produtos da cesta básica. Outros alimentos, como o feijão preto e a carne, subiram 30% e 40% no

último ano respectivamente.

Segundo o Dieese, o preço da cesta básica subiu em 13 das 17 capitais pesquisadas em agosto. Em São Paulo, a cesta básica bate os R\$ 540, quase todo o auxílio de R\$ 600 e praticamente a metade do salário mínimo.

Por que o Brasil, maior produtor de arroz fora da Ásia, um dos maiores produtores de carne do mundo e o maior exportador de proteína, vê os preços subirem tanto? Segundo relatório da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), houve aumento da área cultivada do setor agropecuário com aumento da safra em 4,5%.

A realidade é que pagamos cada vez mais pelos alimentos porque toda a produção não está voltada às necessidades da população, mas para a exportação e para o lucro de multinacionais. A inflação é a maneira como imperialismo joga



o custo da crise nas costas dos países semicoloniais e dos povos pobres, ao lado do aumento dos combustíveis, da energia e dos produtos industrializados.

E aproveitam a pandemia para lucrar mais. A organização capitalista da produção agropecuária e o papel subor-

dinado do Brasil no mercado internacional colocam a absurda contradição de que, quanto mais produzimos comida, mais pagamos por ela e menos comemos.

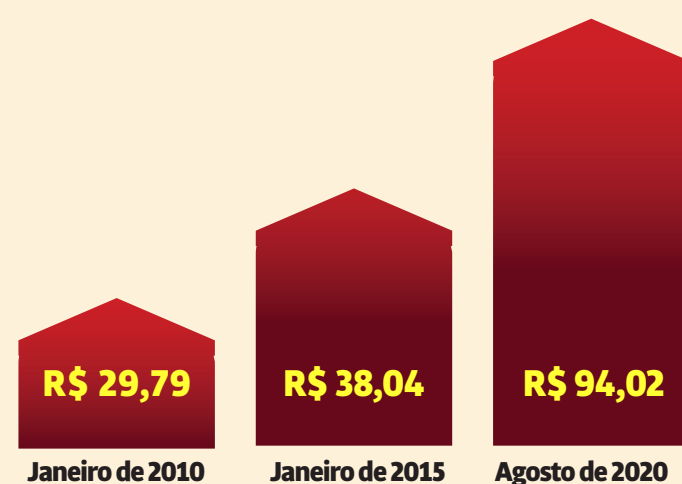
LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/2ZGGFBC](https://bit.ly/2ZGGFBC)

ALIMENTOS BÁSICOS PESAM NO BOLSO DOS POBRES - (ALTA ATÉ AGOSTO)

Arroz	20,48%
Feijão preto	41,39%
Leite longa vida	21,16%
Farinha de trigo	11,52%
Manga	57,41%
Ovo de galinha	9,39%

Fonte: Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV)

AUMENTO DO PREÇO DO ARROZ (SACA DE 50 KG)



EXPORTAÇÃO DO ARROZ (EM TONELADAS)

2010	R\$ 287,7
2015	R\$ 504,6
2019	R\$ 665,0
2020 (até agosto)	R\$ 1.153,5

Fonte: Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da USP

DE VOLTA À COLÔNIA

Inflação é produto da recolonização do Brasil



O país produziu 11,17 milhões de toneladas de arroz na safra 2019/2020. Já o consumo para este ano estava previsto em 10,8 milhões de toneladas. Daria para suprir toda a demanda interna e ainda sobrar. Não fosse, porém, o aumento recorde na exportação, de quase 1 milhão de toneladas só até agosto. Com o real desva-

lorizado, fica mais lucrativo aos produtores venderem lá fora. É o mesmo que ocorre com a carne. Com o preço no mercado internacional lá em cima, os produtores priorizam a exportação e vendem mais caro aqui. Isso ocorre porque o grande latifúndio brasileiro dominado pelas multinacionais não produz comida, mas commodities,

ou seja, matéria-prima cotada no mercado internacional. Em vez de servirem para alimentar a população, produtos como o arroz, a soja, o café ou a carne são utilizados para negociação e especulação nas bolsas mundo afora e aqui dentro. Mesmo o arroz, que tem a menor parte exportada, é estocado pelos grandes produtores para forçar a alta nos preços. A exportação de grãos, por sua vez, tem como destino a estatal chinesa Cofco (45%) e quatro multinacionais de commodities (Archer Daniels Midland, Bunge, Cargil e Louis Dreyfus Company, que juntas são conhecidas como ABCD), representando outros 37%. Essas multinacionais são responsáveis por 70% das importa-

ções e exportações de commodities agrícolas no mundo. **CRISE E RECOLONIZAÇÃO** O plano do imperialismo para o Brasil é fazer o país retroceder à condição de colônia exportadora de produtos primários. Foi a favor desse projeto que governaram FHC, Lula, Dilma e agora Bolsonaro, que tenta avançar de forma qualitativa. Faz parte desse plano o processo de desindustrialização do país, a entrega das estatais e das empresas de alta tecnologia como a Embraer às multinacionais, a desnacionalização do campo brasileiro e, por fim, o papel de fornecedor de matérias-primas de baixo valor agregado ao mercado internacional.

À medida em que se desenvolvem e incorporam a mais moderna tecnologia no campo, mais desempregam e precarizam a mão de obra. Ao mesmo tempo, florestas são derrubadas e queimadas e povos indígenas e ribeirinhos chacinados para a expansão da fronteira agrícola. Com a crise, os grandes conglomerados internacionais atuam para quebrar milhões de pequenos negócios a fim de saírem dessa situação mais fortes, recuperando seus lucros em base a um saque geral da população mundial, impondo sacrifícios à classe trabalhadora como em tempos de guerra, com desemprego em massa e fome generalizada.

PROGRAMA EMERGENCIAL PARA A CRISE

Romper com o imperialismo e estatizar o latifúndio

O governo apresenta como saída para a crise dos alimentos o fim dos impostos sobre importação a fim de abastecer mais o mercado interno. Isso, porém, não vai resolver o problema. O preço internacional também será em dólar, e mesmo que a chegada dos produtos importados pressione um certo alívio no

preço do arroz por aqui, vai demorar para ter efeito. Não reverte o processo de colonização do país, verdadeiro responsável pela alta dos alimentos. É uma situação que, com o fim do auxílio emergencial anunciado pelo governo e a explosão do desemprego e da pobreza, vai se tornar cada vez mais dra-

mática. Mesmo o trigo, que é uma commodity, está sujeito à flutuação de preço no mercado internacional, afetando daqui a pouco o próprio macarrão que os varejistas sugerem que você coma no lugar do arroz. Só rompendo com essa lógica colonialista será possível garantir a alimentação do povo brasileiro.



PROGRAMA PARA GARANTIR COMIDA A POPULAÇÃO

Estatização do latifúndio e das multinacionais do agronegócio

É preciso colocar a produção de alimentos, que hoje está nas mãos de poucos produtores a serviço de grandes multinacionais, nas mãos dos trabalhadores, estatizando o latifúndio e as multinacionais do setor sem indenização

e com controle operário. Com isso será possível reduzir os preços.

Reforma agrária sem indenização e apoio à agricultura familiar e ao pequeno produtor

Confisco do latifúndio improdutivo e reforma agrária radical sem indenização. Crédito subsidiado e

apoio técnico ao pequeno produtor, responsável por grande parte dos alimentos, como os hortifrutigranjeiros.

Estatização das grandes redes varejistas

A fim de garantir a distribuição dos produtos da cesta básica a todo o país sem a margem de lucro que hoje vai para as multinacionais.

Estatização do sistema financeiro, por um banco estatal único

Seria possível direcionar os recursos para o financiamento da agricultura familiar, responsável por parcela significativa da alimentação do povo, principalmente hortifrutigranjeiros.

UM PROGRAMA EM DEFESA DA VIDA, DO EMPREGO, DO SALÁRIO, DA RENDA E DOS DIREITOS

Quarentena para valer, com emprego e renda

É preciso exigir quarentena geral já, com emprego e renda para todos, a fim de evitar mais mortes até que haja uma vacina.

Manutenção do auxílio emergencial de R\$ 600

É preciso manter o auxílio de R\$ 600, que já é insuficiente, para garantir a so-

brevivência dos desempregados e informais até que a pandemia passe. É preciso também incluir os trabalhadores rurais, medida aprovada pelo Congresso e vetada por Bolsonaro de forma covarde.

Redução da jornada de trabalho sem redução dos salários

Ao invés de liberar as demissões ou reduzir jornada e salário, o governo de-

veria decretar estabilidade no emprego e reduzir a jornada de trabalho para 30 horas semanais, sem redução dos salários, e revogar a reforma trabalhista e a lei das terceirizações.

Não à privatização! Reestatização das empresas privatizadas

É preciso tomar de volta empresas como a Vale e a Embraer e colocá-

las sob controle dos trabalhadores, assim como a Petrobras, para que produzam de acordo com as necessidades do povo e não para acionistas estrangeiros.

Acesso à energia elétrica, água, Internet e demais serviços básicos a custo subsidiado para a população

O DISCURSO DE LULA

Muito barulho para um discurso eleitoral



BERNARDO CERDEIRA,
DE SÃO PAULO (SP)

No dia 7 de setembro, o ex-presidente Lula divulgou um vídeo de 24 minutos sobre a situação política do país. É importante analisar as posições políticas expostas em seu pronunciamento, já que ele ainda é o principal líder político de oposição ao governo Bolsonaro e da esquerda que defende a colaboração de classes.

Seu discurso se caracterizou por uma crítica dura a Bolsonaro. Começou dizendo que o Brasil vive uma “crise sanitária, econômica, social e ambiental nunca vista”. Assinalou que a pandemia da COVID-19 já matou 130 mil brasileiros, a maioria pobre e negra. Responsabilizou o governo por agravar essa crise com uma posição irresponsável e descaso pela vida de milhares de brasileiros.

Entre outras coisas, Lula criticou o sucateamento do SUS, apontando que os recursos para a saúde foram destinados a pagar juros da dívida pública. Atacou Bolsonaro de forma dura por se aproveitar da pandemia para entregar a soberania nacional do Brasil aos Estados

de um general brasileiro para servir no Comando Militar Sul dos EUA sob as ordens de um oficial estadunidense.

Também criticou a política de privatizações de Bolsonaro por vender as reservas do pré-sal, as refinarias da Petrobras, a distribuidora BR, a Eletrobrás e por esquartejar os bancos públicos, como o Banco do Brasil, a Caixa e o BNDES, subordinando-os ao capital financeiro.

Quanto à caracterização da crise, da responsabilidade de Bolsonaro e de sua política neoliberal e entreguista, não há o que discordar. É verdade também que Bolsonaro é um governante autoritário, com um discurso reacionário, racista, homofóbico, machista e contra índios e quilombolas.

O QUE LULA NÃO DISSE

A partir daí, surgem as contradições desse discurso. Por exemplo, será que as políticas econômicas e sociais de Lula e Dilma, quando governaram, foram opostas às de Bolsonaro? Analisando de maneira fria, veremos que os governos do PT aplicaram políticas neoliberais durante os 13 anos que estive-



vem de longa data, não foi interrompido nos governos do PT. Na verdade, a privatização da saúde, por meio de autarquias e atendimentos dos planos de saúde pelo SUS, continuou avançando e as verbas de saúde, diminuindo.

Os governos do PT pagaram religiosamente os juros da dí-

FMI. Lula chegou a dizer em vários discursos que “nunca os banqueiros ganharam tanto dinheiro como em seus governos”. É evidente que esses lucros fabulosos vinham dos juros da dívida pública pagos com o dinheiro dos impostos.

A política de privatizações começou no governo FHC, mas continuou nos governos de Lula e Dilma. É preciso lembrar que o leilão do maior campo petrolífero, o Campo de Libra se deu no governo Dilma?

Nem Lula nem Dilma moveram uma palha para reestatizar alguma das empresas privatizadas na era FHC. Por exemplo, se a Embraer tivesse sido reestatizada, hoje não teria existido a decisão de entregar essa indústria, patrimônio nacional, para a Boeing, felizmente abortada pela crise da empresa estadunidense.

Sem dúvida concordamos que um país livre não pode ser subordinado a outro país, mas, mais uma vez, não podemos deixar de assinalar que a subordinação do Brasil aos EUA (que vem de longa data) não foi revertida nos governos de Lula e Dilma. Ao contrário, as

Forças Armadas Brasileiras se colocaram a serviço do governo dos EUA para fazer o trabalho sujo de policiamento e repressão no Haiti durante 12 anos sob a cobertura da missão da ONU, a Minustah.

As políticas repressivas de Bolsonaro também não começaram agora. Vêm da lei antidrogas votada no governo Lula; da constituição da Força Nacional utilizada por Dilma para reprimir as greves da construção pesada durante a construção das barragens de Santo Antônio e da Lei Antiterrorismo aprovada no governo Dilma.

A conclusão é que as políticas neoliberais de Bolsonaro não são uma ruptura com as políticas do PT, que também foram neoliberais, mas sim um aprofundamento extremo das mesmas. E sua escalada autoritária, que nisso se difere da situação durante os governos de Lula e Dilma, está baseada nas concessões que estes fizeram às pressões da burguesia brasileira.



General Augusto Heleno liderou ocupação brasileira no Haiti quando Lula era presidente

Unidos de maneira humilhante, como no caso da entrega da Base de Alcântara e da presença

ram no poder.

O desmonte do SUS e da saúde pública no Brasil, que

vida pública, inclusive vangloriando-se porque tinham pagado a dívida do Brasil com o

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3MMMjq1](https://bit.ly/3MMMjq1)

MANTER O SISTEMA

Se o capitalismo tem seus dias contados, Lula propõe renová-lo

Em parte importante de seu discurso, Lula disse que o “capitalismo tal como o mundo conhece está com os dias contados” e que o “capitalismo é sustentado pelos trabalhadores, não pelo capital”.

Ao mesmo tempo, denunciou a profunda desigualdade social do Brasil, em que é inaceitável que “10% vivam à custa da miséria de 90% do povo e onde a riqueza produzida por todos vai parar nas contas bancárias de meia dúzia de privilegiados”.

Também assinalou que os pobres que vivem nas periferias são tratados como seres inferiores e que a violência contra a juventude negra beira o genocídio; que os quilombolas são submetidos a um verdadeiro escárnio público pelos governantes; que as nações indígenas têm suas terras invadidas e saqueadas; e que as mulheres continuam sofrendo uma violência impune.

Mais uma vez, concordamos com o diagnóstico da situação, mas discordamos profundamente da solução. Se-

melhantes palavras poderiam dar a entender que Lula finalmente está propondo uma transformação radical da sociedade capitalista e a adoção de um sistema social socialista, mas não. Quem pensou assim pode deixar de sonhar.

Lula está falando da distribuição da riqueza sob o sistema capitalista, do mito de uma economia a serviço de todos. Segundo ele, é preciso construir no Brasil um Estado justo, igualitário e independente, respeitador dos direitos humanos, em que todos os brasileiros devem ter a possibilidade de crescer. De um estado de bem-estar social que garanta emprego e renda para todos.

Esse objetivo é muito bonito em palavras, mas como seria feita essa distribuição de renda? Os bilionários brasileiros vão abrir mão de 80% de seu patrimônio e dos seus lucros para que se garanta saúde, educação, transporte e moradia a todos os brasileiros? Ou o governo vai impor impostos que confiscem 80% dos lu-

cos dos bancos, do agronegócio, do comércio, da indústria e dos dividendos privados? As empresas privatizadas por preços de banana serão devolvidas pelas multinacionais e pelos donos brasileiros que lucraram bilhões com elas?

Lula sabe muito bem que isso não vai acontecer e nem sequer propõe nenhuma medida nesse sentido. Ele é consciente que no capitalismo, a tendência é haver uma concentração cada vez maior de capital, isto é, os ricos ficam cada vez mais ricos e os pobres, mais pobres. A desigualdade, no Brasil e no mundo, aumenta cada vez mais.

Isso ocorre por uma razão muito simples. O sistema capitalista é baseado na propriedade privada das fábricas, dos bancos e dos grandes comércios e do capital que produzem para o mercado. O objetivo do capitalista individual, do empresário, é sempre obter o maior lucro possível e fazer crescer esse lucro de forma permanente. Para isso, tem que explorar cada



vez mais seus trabalhadores.

As empresas competem por fatias cada vez maiores de mercado para realizar esses lucros. As que dispõem de mais capital e tecnologia crescem, e as mais fracas tendem a ser absorvidas ou falir. Então a burguesia, essa classe detentora da propriedade privada dos meios de produção, não abre mão do seu capital e de obter o maior lucro possível porque senão pode ser varrida do mercado.

Portanto, a única maneira de realmente acabar com a desigualdade social é estabelecer um novo sistema social baseado na propriedade coletiva dos meios de produção e

na planificação democrática da produção, isto é, um sistema socialista. Estabelecer esse novo sistema só é possível se os trabalhadores expropriarem os meios de produção dos capitalistas que os exploram e implantarem um governo democrático dos trabalhadores baseado em conselhos populares. Para isso, é preciso uma revolução socialista

Lula sabe disso e por essa razão não fala em socialismo. Diz que o capitalismo está com seus dias contados e depois faz gestos de um ilusionista. Propõe o mesmo capitalismo com uma nova cara: um novo contrato social.

CONCILIAÇÃO DE CLASSES

Pacto social de novo, não!

A verdadeira polêmica é sobre como enfrentar esta situação. Lula propõe um novo pacto social entre todos os brasileiros, que defenda a renda e os direitos do trabalhador. Ele propõe que os ricos paguem impostos proporcionais a seus rendimentos. Lula ressalta: “Não acredito e não aceito os pactos pelo alto feito com as elites. Não aceito qualquer solução sem os trabalhadores como protagonistas.”

Esse pacto social é mais uma enganação dirigida à classe trabalhadora. Os trabalhadores estão sofrendo um brutal ataque a seus empregos, salários e direitos trabalhistas por parte dos grandes empresários, nacionais e multinacionais e dos partidos de direita.

É evidente que parar esse ataque, que é consciente e planejado por parte da burguesia, só é possível com muita luta do lado dos trabalhadores, não esperando a boa vontade da classe dominante. Mas, Lula não faz nenhum chamado à luta dos trabalhadores por seus direitos. Dessa forma, um pacto social só tem como objetivo paralisar a luta dos trabalhadores.

Lula nem mesmo menciona uma possível recuperação dos direitos e da renda, por exemplo, por meio da anulação da reforma da Previdência, da reforma trabalhista e da lei de terceirizações.

Podemos deduzir então, que a mensagem de Lula se dirige à burguesia: “moderem seus ataques para não provocar explosões sociais”. Mas é possível

acreditar que a burguesia e os partidos de direita que articularam esse ataque e apoiaram todas as ações de Bolsonaro e Guedes vão aceitar agora um pacto? Lula sabe que não.

Lula diz que não aceita “pactos pelo alto, com as elites”, mas durante todos os 13 anos dos governos do PT ele só fez pactos “pelo alto”: com o PMDB de Temer, Sérgio Cabral e Renan Calheiros, com o PTB e até com Maluf.

Lula não se propõe a fazer um chamado à luta e à resistência dos trabalhadores. Não pretende revogar nenhuma dessas reformas. Se ele não propõe que Bolsonaro deixe o governo, nem sequer mencionou o “Fora Bolsonaro”, o que ele quer?

Na verdade, Lula quer voltar a governar para aplicar a mesma



velha política de colaboração e aliança com um setor da burguesia. Essa foi a estratégia central dos governos do PT durante 13 anos, que levou ao fracasso conhecido e abriu caminho para Bolsonaro.

Lula deixa isso explícito quando afirma que o alicerce desse Estado e o fiador desse pacto social é o voto. Para bom entendedor, significa o voto em

Lula para que ele seja o fiador do novo contrato social. Isso fica evidente quando ele termina dizendo: “Nessa empreitada árdua, mas essencial, eu me coloco à disposição do povo brasileiro, especialmente dos trabalhadores e dos excluídos.” ... “Estou aqui. Vamos juntos reconstruir o Brasil”. Só faltou dizer, “Lula presidente! Feliz 2022!”

TRABALHADORES DOS CORREIOS

Greve dos Correios segue forte em defesa dos direitos e contra a privatização

ROBERTO AGUIAR,
DE SALVADOR (BA)

A greve nacional dos trabalhadores dos Correios está entrando na quinta semana. Os trabalhadores da empresa protagonizam neste momento a maior luta e o maior enfrentamento contra o governo reacionário de Bolsonaro, Mourão e Guedes, que querem arrancar os direitos dos trabalhadores e privatizar os Correios.

A estatal é presidida pelo general Floriano Peixoto, que tem aplicado a política de arrocho e de sucateamento numa das maiores e principais empresas públicas do país. Desde a campanha para as eleições de 2018, o então candidato Bolsonaro e o seu “posto Ipiranga”, Paulo Guedes, nunca esconderam o desejo de entregar a soberania do Brasil com a venda das estatais, com destaque para os Correios. Eles têm aproveitado a pandemia de COVID-19 para fazer avançar esse projeto.

Floriano Peixoto aplica a política genocida da não garantia de equipamentos de segurança aos trabalhadores. O resultado

é a morte e o alto número de trabalhadores contaminados. Os trabalhadores dos Correios estão entre os mais atingidos pela pandemia, perdendo apenas para os profissionais da saúde. De cada mil mortes pela COVID-19 no Brasil, uma é de um trabalhador dos Correios.

EM DEFESA DOS DIREITOS

Em meio à pandemia, além de lutar em defesa da vida, os trabalhadores dos Correios estão defendendo os direitos conquistados. A direção da empresa está mancomunada com os integrantes do Supremo Tribunal Federal (STF), avançando de forma feroz. Das 77 cláusulas do acordo coletivo, 70 estão sendo retiradas por Floriano Peixoto. Nem mesmo o vale-alimentação ficou de fora. Bolsonaro quer matar os trabalhadores pelo vírus e pela fome.

Os trabalhadores receberem o pior salário de todas as estatais. O piso salarial não chega a dois salários mínimos. “Não podemos aceitar a retirada dos nossos direitos como pretende o governo genocida de Bolsonaro e a direção da empresa, comandada pelo ge-

neral Peixoto. A greve é necessária, precisa ser fortalecida e apoiada. É uma greve em defesa das nossas vidas, dos nossos direitos e contra a privatização dos Correios”, afirma Geraldinho Rodrigues, da Federação Nacional dos Trabalhadores dos Correios (Fentect) e militante do PSTU.

FORTALECER A GREVE

A greve nacional, construída pelos 36 sindicatos e pelas duas federações da categoria, é forte. Mas é preciso que o conjunto da classe trabalhadora brasileira abrace essa luta. É o que defende Atnágoras Lopes, militante do PSTU e membro da Secretaria Executiva Nacional da CSP-Conlutas.

“Os trabalhadores dos Correios estão realizando uma greve histórica. A direção da empresa segue intransigente. Na audiência, o Tribunal Superior do Trabalho não cedeu um milímetro. Manteve a proposta de retirada das 70 cláusulas do acordo coletivo. Por isso, é importante o fortalecimento da greve como o único caminho para a vitória”, defende Atnágoras.



A CSP-Conlutas tem exigido das demais centrais sindicais a construção de um dia nacional de mobilização, paralisação e protestos em apoio à greve dos trabalhadores dos Correios. A central também tem indicado que ativistas gravem vídeos e que os sindicatos coloquem faixas em apoio à greve.

A empresa está descontando os dias paralisados e não paga o

ticket alimentação desde o mês passado. A CSP-Conlutas está realizando uma campanha de arrecadação de alimentos para os grevistas ou um valor solidário que pode ser depositado direto na conta da CSP-Conlutas nacional (veja abaixo).

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/35FVLTN](https://bit.ly/35FVLTN)

É PRECISO APOIAR A GREVE

- ✓ Todo apoio e solidariedade à greve dos Correios!
- ✓ Nenhum direito a menos!
- ✓ Não à privatização! Correios 100% estatal e público!
- ✓ Fora já Bolsonaro, Mourão e Floriano Peixoto!

APOIE E CONTRIBUA COM A GREVE DOS CORREIOS

Banco do Brasil

Agência: 0303-4 | Conta corrente: 45570-9

CNPJ: 07.887.926/0001-90 | Central Sindical e Popular CONLUTAS

ATENÇÃO!

Dia 21, ocupar Brasília!



No dia 21, os trabalhadores dos Correios em greve ocuparão Brasília. Está sendo organizada uma grande caravana, de todos os estados, rumo à capital federal. Nesse dia, será julgado o dissídio coletivo da greve no Tribunal Superior do Trabalho (TST).

“Vamos fazer uma grande manifestação e pressionar para que o TST julgue favorável a nós trabalhadores. A mobilização é importante e necessária, pois não podemos depositar nossas esperanças na Justiça, mas sim

na nossa luta”, afirma Heitor Fernandes, militante do PSTU e também diretor da Fentect.

DIA DE NACIONAL DE LUTA

Como parte do calendário de mobilização e fortalecimento da greve, o dia 17 de setembro será dia nacional de luta unificado. “Vamos realizar atos e mobilizações unificados em todos os estados. Contra a intransigência da empresa, a reposta é avançar com a greve”, ressalta Heitor Fernandes.

SAÍDA

Unir todas as lutas para derrotar os ataques de Bolsonaro e dos patrões

Os trabalhadores dos Correios estão apontando o caminho que a classe trabalhadora brasileira deve seguir: a luta! Somente com organização e mobilização é possível derrotar os ataques do governo Bolsonaro e sua trupe neoliberal, bem como os ataques dos patrões.

É preciso unificar todas as lutas. Juntar os trabalhadores dos Correios em greve com os operários da Embraer, que estão lutando contra a demissão de 2.500 trabalhadores. Unir com os trabalhadores do movimento por moradia, que lutam contra os despejos. Unificar com os servidores públicos mobilizados em defesa da vida, realizando greve sanitária, a exemplo dos trabalhadores

da Justiça Eleitoral da Bahia e de São Paulo.

“Os governos e os patrões estão aproveitando a pandemia para jogar a conta da crise nas costas dos trabalhadores. Mais do que nunca, é preciso e possível preparar um dia nacional de lutas e paralisações unificado, partindo da greve dos Correios, rumo à construção de greve geral. A CSP-Conlutas tem chamado as demais centrais e as direções das categorias em luta a organizar urgentemente essa ação. Só assim poderemos derrotar Bolsonaro e seu plano econômico ultraliberal. Basta de demissões, desemprego, arrocho nos salários e aumento dos preços”, pontua Atnágoras Lopes, da CSP-Conlutas.



ORGANIZANDO POR BAIXO

Trabalhadores de base sustentam a greve

“Os trabalhadores arregaçaram a manga e estão firmes na greve. Muitos colegas que nunca participaram

de um movimento paredista aderiram. Sem dúvida, é uma das maiores greves já realizadas pela categoria. Os

trabalhadores entenderam a gravidade dos ataques que o governo e a direção da empresa querem impor, arran-

cando nossos benefícios”, afirma o carteiro Welligton Magrão, delegado sindical em São Paulo, pelo coletivo de oposição Muda Sindicato, ligado à CSP-Conlutas.

Magrão relata que os piquetes de convencimento, organizados pelos trabalhadores das unidades, estão sendo vitoriosos apesar das vacilações da direção do sindicato. “Desde que a greve começou, eu vi um diretor do sindicato em nossa unidade. Passou rapidinho por lá. Infelizmente, temos uma diretoria sem disposição para a luta, que não passa confiança e não encoraja o trabalhador a participar da greve de forma contundente. Mas apesar da postura deles, surgiu uma organização pela base, nos locais de trabalho, que está segurando a greve”, destaca.

“Temos nos organizado em grupos do WhatsApp e Facebook, por onde trocamos informações com outras unidades, organizamos os

piquetes e fazemos as avaliações do movimento. Tudo isso por fora do sindicato, que se nega a fazer comando de greve pela base. Já estamos há quase um mês de greve e até hoje não teve uma reunião nem sequer com os delegados sindicais. A greve é forte, poderia estar mais forte ainda se tivéssemos um sindicato atuante”, pontua Magrão.

O sindicato de São Paulo, filiado à CTB, só chamou a assembleia para definir a adesão à greve nacional depois de muita pressão da base. A empresa já estava impondo os ataques, e o sindicato não se movia.

“Essa pressão da base foi fundamental para a unificação da greve, como tem sido para a sua continuidade. Somos nós, trabalhadores de base, que estamos carregando a greve, nos organizando por baixo. É na luta também e por baixo que vai surgir uma nova direção à nossa categoria”, ressalta Magrão.



LESTE DA EUROPA

Uma revolução sacode a Bielorrússia

Manifestações de massas e greves operárias colocam em xeque regime autoritário de Lukashenko



DA REDAÇÃO

As manifestações de massas contra o regime autoritário de Aleksandr Lukashenko na Bielorrússia abriram uma situação revolucionária no país. Os protestos irromperam após as eleições fraudadas do dia 9 de agosto que deram a vitória ao presidente que governa o país com mãos de ferro desde 1994.

A onda de mobilizações, que contrariaram até mesmo a candidata derrotada da oposição, a liberal Svetlana Tihanóvskaya, chegou a reunir quase 200 mil pessoas na capital Minsk e deixou o regime a beira do colapso. Foi respondida com uma repressão brutal, com milhares de presos, além de cenas de espancamento e relatos de tortura nas prisões. Sites e jornais foram censurados.

A repressão, porém, só serviu para aumentar a onda de revolta e os protestos. Aos manifestantes, juntou-se o movimento operário com greve em todo o território.

A ILUSÃO DO DIÁLOGO

Diante da enorme onda de protestos e do perigo de que ela transborde, a União Europeia e um conselho de notáveis, com políticos e celebridades do país e de fora, vem realizando um apelo ao diálogo e tentam uma saída negociada com o regime ditatorial de Lukashenko. Porém diálogo com o governo significa nada mais que garantir ao ditador e a seus capangas que governem por tempo indeterminado. O próprio presidente não parece disposto a qualquer diálogo e avança na repressão e na perseguição, inclusive de dirigentes operários.

Lukashenko é apoiado pelo regime de Putin, da Rússia, que já ajudou a esmagar a revolução ucraniana, embora até o momento tenha se absterido de uma intervenção direta no país, mas mantém colaboração ativa com a repressão. Para se ter uma ideia, os jornalistas da televisão bielorrussa foram trocados por jornalistas russos. Os agentes da KGB, agência de espionagem homônima da antiga agência soviética, mantêm monitoramento permanente dos ativistas e do povo bielorrusso.

Putin apoia a ditadura de Lukashenko pelo temor de que o seu regime autoritário seja o próximo a enfrentar contestação. “Depois de Bielorrússia, será a Rússia”, disse o próprio ditador.

Já a União Europeia age para conter a revolução por temer que seus interesses na região sejam ameaçados. Uma das razões da



pobreza na Bielorrússia é o pagamento da dívida pública com a Rússia e com os bancos internacionais. Por isso Lukashenko impôs ataques como a reforma da Previdência. E, da mesma forma que Putin, a União Europeia também teme que o exemplo da região seja seguido pelo resto da Europa Oriental, transformada hoje numa semicolônia da Alemanha e da França.

As greves operárias se tornam referência para a luta do povo bielorrusso a ponto de os nomes das fábricas serem repetidos nas manifestações, como MTZ, MZKT, Soligorsk e MAZ. Não é por menos que a prioridade do governo seja a repressão ao movimento operário.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/335FKAI](https://bit.ly/335FKAI)

FORA LUKASHENKO!

Comitê Operário Unificado de Greve deve assumir a direção das lutas



Apesar da força do movimento contra a ditadura Lukashenko, as mobilizações carecem de uma direção da classe trabalhadora que possa levar a cabo a derrubada desse regime e dismantelar os órgãos repressores, garantindo, como defende o Partido Operário Internacionalista (POI), seção da LIT-QI na Rússia, “liberdade de expressão, de manifestação e protestos, de reunião, liberdade sindical e de livre organização”.

De um lado, há Putin, e de outro, o Conselho Coordenador, que aposta numa saída negociada, com ou sem Lukashenko, mas mantendo a estrutura de dominação e exploração do país. Por isso, o POI defende que o Comitê Operário Unificado de Greve, surgido diretamente da luta nas fábricas, tome para si a iniciativa de liderar o movimento em escala nacional e

fazer avançar a mobilização até a derrubada da ditadura.

Para que o povo bielorrusso não siga refém de outras forças políticas e não se mantenha nos becos sem saída dos diálogos com a ditadura, porém, é preciso superar a ausência de uma direção da classe trabalhadora com um programa operário e revolucionário. Condições que a revolução em curso coloca a possibilidade de realizar.

SAIBA MAIS

Ditador é um fóssil e uma caricatura do stalinismo

A Bielorrússia declarou independência da antiga URSS em julho de 1990. Em 1994, ocorreram as primeiras eleições para presidente, que elegeram Lukashenko. Logo após eleito, o recém-empossado presidente, que havia servido o Exército soviético e dirigido uma fazenda estatal da URSS, começou a implementar medidas para restringir as liberdades democráticas e perseguir opositores. A figura caricata de Lukashenko ganhou repercussão internacional ao sugerir, em plena pandemia, “vodca e sauna” para o combate ao coronavírus. O país que chegou a ser um dos mais industrializados da região, destacando-se na importação de tratores, sofreu importante revés na década de 1990, aumentando sua dependência em relação à Rússia e à União Europeia. E, com as reformas neoliberais, seu povo sofreu profundo rebaixamento das condições de vida.

MERCADORES DA FÉ

Congresso aprova projeto que perdoa R\$ 1 bilhão de dívidas das igrejas

Bolsonaro vetou medida, mas estimulou bancada evangélica a derrubar veto que perdoa dívida

O Projeto de Lei 1581/20, aprovado na última semana no Congresso Nacional, permite que as igrejas tenham mais de R\$ 1 bilhão em dívidas de impostos perdoado. Frente ao atual cenário econômico e social, o perdão dessas dívidas resultará na perda de arrecadação de bilhões de reais pelo Estado brasileiro, de um setor que é milionário. Ao mesmo tempo, o governo vai tentar compensar essa perda com mais ataques contra os direitos dos trabalhadores.

A aprovação dessa medida seria um escárnio total num momento em que a maioria do povo pobre tenta sobreviver como

pode. Recentemente foi prorrogado o auxílio emergencial com a metade do valor atual apenas, o que vai dificultar ainda mais a vida de trabalhadores. Com esse R\$ 1 bilhão seria possível pagar 1,6 milhão de parcelas de R\$ 600 do auxílio.

Bolsonaro vetou o perdão da dívida, mas escreveu numa rede social: “Confesso. Caso fosse deputado ou senador, por ocasião da análise do veto que deve ocorrer até outubro, votaria pela derrubada do mesmo.” A bancada evangélica no Congresso viu no post um apoio do presidente na articulação da derrubada do veto.

A chamada bancada evangélica é uma bancada reacionária e conservadora que se utiliza da fé e da religião para fazer política, e não detém a representação dos evangélicos ou cristãos brasileiros. Esse setor tem fortes ligações com Bolsonaro e ajuda a sustentar o governo.

Causou estranheza para alguns o fato de o PCdoB e alguns deputados do PT terem votado a favor dessa medida. É óbvio que essa é uma atitude absurda de organizações que dizem combater a direita. Já no PT, ainda que o partido não tenha orientado o voto favorável, alguns deputados, mesmo assim, votaram, como Benedita da Silva.



A liberdade religiosa tem que ser defendida. Mas liberdade de culto não pode servir de desculpa para sonegação de impostos e qualquer tipo de benefício para os milionários. Hoje meia dúzia de pastores e donos das igrejas

vivem como mercadores da fé. Templos religiosos funcionam como grandes negócios, gerando lucros para enriquecer esses senhores, que construíram um gigantesco patrimônio em cima desse mercado.

FOME

Nove milhões deixaram de comer por falta de dinheiro na pandemia

A pandemia e a crise econômica e social que se instalou após a chegada do novo coronavírus ao Brasil também trouxeram a fome para nove milhões de pessoas. É o que concluiu a pesquisa do Ibope e da Unicef realizada entre os dias 3 e 18 de julho com adultos que vivem com adolescentes e crianças entre 4 e 17 anos. Segundo o levantamento, 21% dos entrevistados afirmaram que vivenciaram

momentos em que os alimentos acabaram e não havia dinheiro para comprar mais.

Entre os que vivem com crianças e adolescentes em casa, esse percentual foi de 27%. Sem ter a quem recorrer, como programas de distribuição de alimentos, 6% disseram que a única saída foi deixar de comer, o que representa cerca de nove milhões de brasileiros deixando de realizar alguma refeição

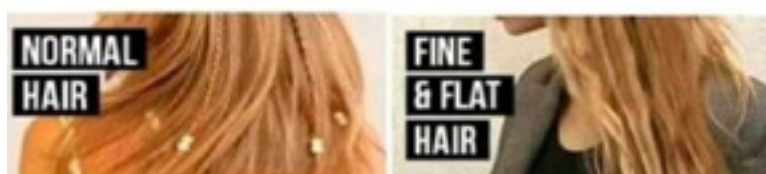
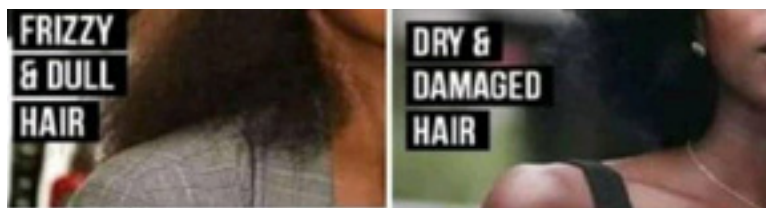
por falta de dinheiro. Nos lares com crianças e adolescentes, esse percentual sobe para 8%.

O levantamento ainda mostra que 55% dos entrevistados disseram que o rendimento caiu desde o início da pandemia. Na maioria dos casos, a redução se deu por causa das demissões. Pelo menos 64% afirmaram que estavam trabalhando antes da chegada do coronavírus ao Brasil.



ÁFRICA DO SUL

Protestos contra propaganda racista tomam o país



Uma propaganda de xampu na África do Sul despertou a fúria da população negra do país. A rede Clicks de farmácia divulgou uma peça publicitária da TRESemmé, marca da Unilever, na qual aparece a imagem de duas mulheres negras com a descrição do cabelo como “seco e danificado”, enquanto o cabelo do branco era classificado no mesmo anúncio como

como “fino e liso” e “cabelo normal”.

A propaganda racista fez com que milhares de pessoas saíssem em protesto pelo país, o que fechou mais de 400 lojas da rede Click. Pelo menos sete lojas ficaram destruídas em várias províncias.

Não foi a primeira vez que uma empresa internacional sofreu um boicote na África do Sul. Em 2018, na sequência de uma

campanha publicitária da H&M na qual uma criança negra aparecia vestida com um moletom com o slogan “macaco mais legal da selva”, um grupo de manifestantes antirracismo ocupou as lojas – levando ao encerramento temporário da H&M no país.

O partido no poder, o Congresso Nacional Africano (CNA ou ANC, na sigla em inglês), não se pronunciou sobre as manifestações.

JIMI HENDRIX

A guitarra que incendiou corações e mentes



WILSON HONÓRIO DA SILVA,
DA SEC. NACIONAL DE
FORMAÇÃO DO PSTU

Há 50 anos, em 18 de setembro de 1970, ecoou o último dissonante acorde da breve, mas historicamente imensa vida de Jimi Hendrix. Em seus curtos 27 anos e apenas quatro de carreira profissional, Jimi ganhou seu lugar na história não só como um dos maiores guitarristas de todos os tempos, gênio da música e uma daquelas figuras trágicas cujos mergulhos desenfreados na própria vida e na criação artística muitas vezes flertam de forma perigosa com a autodestruição.

Ele também é até hoje um dos grandes símbolos de sua época, ícone da contracultura, da rebelião da juventude estadunidense, em particular a negra, contra a sociedade ferozmente racista e imperialista.

**DA SEGREGAÇÃO
AO EXPERIMENTO
REVOLUCIONÁRIO**



Nascido em 27 de novembro de 1942, em Seattle, Washington, Johnny Allen Hendrix (depois renomeado James Marshall Hendrix), cresceu em família cujas raízes mesclavam-se com indígenas cherokees e teve uma infância marcada pela instabilidade e por um histórico familiar que contribuiu para seu abuso de álcool. Sua mãe morreu de cirrose

quando ele tinha 16 anos.

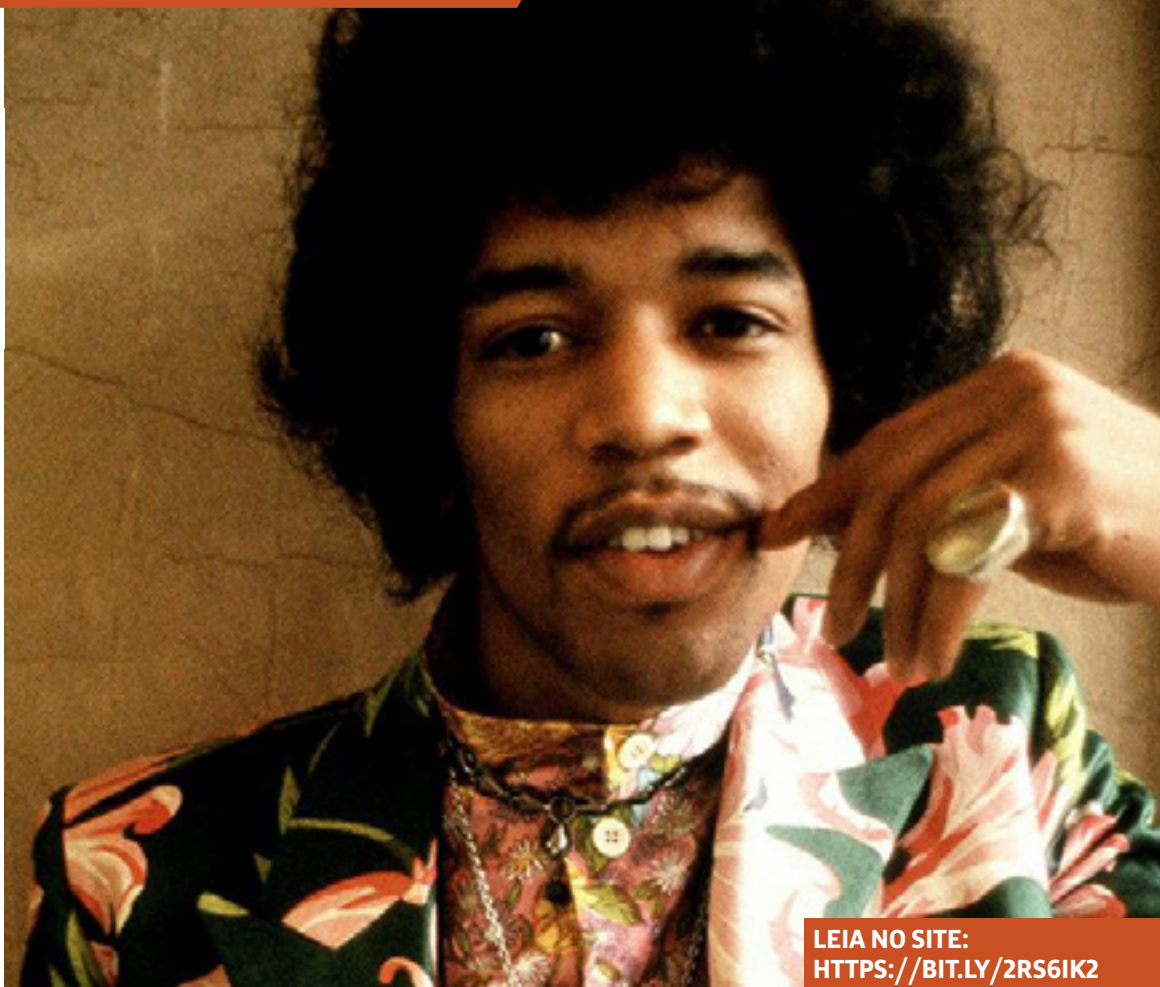
Aos 15 anos, aprendeu tocar guitarra ouvindo Elvis, Chuck Berry etc. no rádio. Aos 19, depois de uma passagem pelo exército, caiu no mundo fazendo apresentações com gente como os Isley Brothers, Sam Cooke, Ike & Tina Turner, B. B. King e Little Richard, no chamado Chitlin' Circuit (algo como "Circuito da Dobradinha", em referência a um prato típico na comunidade negra) que, desde os anos 1930, oferecia oportunidade para músicos, comediantes e artistas negros na profundamente segregada sociedade dos Estados Unidos.



Em 1966, quando tocava em Nova Iorque com a banda Jimmy James and the Blue Flames, conheceu Frank Zappa, que o introduziu aos pedais de guitarra com efeitos sonoros, que se tornariam uma de suas marcas registradas. No mesmo ano, aceitou um convite de Chas Chandler (ex-baixista do The Animals) para tentar a sorte (ou contornar o racismo) na Inglaterra, onde formou The Jimi Hendrix Experience com o baixista Noel Redding e o percussionista Mitch Mitchell.

**VIRANDO A GUITARRA DO ROCK
PELO AVESSO**

Em poucos meses, no início de 1967, Londres se rendeu à genialidade irrequieta de Hendrix, cujas composições (como "Foxey Lady"



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/2RS6IK2](https://bit.ly/2RS6IK2)

e "Voodoo Child") só não são tão lendárias quanto suas apresentações. Mesclando tudo que havia de melhor da música negra com as novas tendências do rock, o guitarrista incendiou os palcos londrinos.

Numa época em que o rock ardia ao som de The Rolling Stones, The Beatles, The Doors, The Who, foi Hendrix que transformou sua guitarra, seus pedais e suas apresentações em algumas das experiências mais radicais do chamado rock psicodélico, ou seja, da vertente que tentava reproduzir ou realçar os estados alterados da mente (geralmente associada ao consumo de alucinógenos), por meio de efeitos



eletrônicos, longuíssimos solos, improvisação e incorporação de música e instrumentos indianos.

Adaptando o instrumento para sua mão canhota, usando os dentes ou tocando com a guitarra nas costas, Hendrix levava o público ao delírio.

**INCENDIANDO GUITARRAS,
CORAÇÕES E MENTES**

Perfeccionista no limite da obsessão, dono de uma personalidade tão explosiva e imprevisível quanto seus acordes e voraz consumidor de álcool e tantas outras substâncias químicas, em 31 de março de 1967, num show no Astoria Theatre, em Londres, Hendrix, dizendo-se irritado com a dispersão do público, tomou uma atitude inusitada: ateou fogo em sua guitarra, algo que se repetiria ao longo de sua carreira. Ele justificava dizendo eu era um "ato de sacrifício, pois você só sacrifica as coisas que você ama".

Em junho de 1967, The Jimi Hendrix Experience estreou nos EUA no Festival de Monterey, o primeiro grande espetáculo de rock ao ar livre, marco fundamental da contracultura e da geração hippie. Juntou 200 mil pessoas, e a renda foi revertida para movimentos sociais e antiguerra.

Monterey foi uma prévia de Woodstock, que rolou em agosto de 1969, tornando-se palco tanto para o melhor da música da época quanto para a rebeldia que varria um país sacudido pelos movimentos negros, de mulheres, LGBT e antiguerra do Vietnã.

Hendrix, que deixou uma anotação dizendo "tento usar minha música para fazer essas pessoas agirem", não deixou por menos. Fez história numa apresentação ao entoar uma versão do hino nacional dos Estados Unidos

distorcida e quase irreconhecível, acompanhada de sons de guerra, como metralhadoras e bombas, produzidos por sua guitarra.

**UM LEGADO PARA ALÉM
DO TEMPO**

Pouco antes de morrer, em agosto de 1970, ele esteve no Festival da Ilha de Wight de 1970, ao lado de The Doors, The Who, Sly & The Family Stone, Joan Baez e também dos tropicalistas Gil e Caetano, então exilados na Inglaterra.

Um mês depois, Jimi foi encontrado morto por overdose num quarto de hotel em Londres, encharcado de vinho e sufocado em seu próprio vômito. Um final lamentável, mas não totalmente surpreendente para quem viveu no limite e num ritmo que só pode mesmo ser comparado àquele produzido por sua guitarra.

Passados 50 anos, é difícil dimensionar sua influência. Seus acordes e seu vozeirão ressoaram nos trabalhos de gente tão diversa como Eric Clapton, Prince, Sly Stone, George Clinton e a banda Funkadelic; nas muitas variantes do funk, rhythm and blues e soul e em importantes representantes do hip hop, como o Digital Underground, do qual fez parte Tupac Shakur.

E para aqueles e aquelas que não empunham a guitarra, Jimi deixou uma obra que com certeza ainda consegue incendiar corações, corpos e mentes.